Fotografia por celular: questionando novas práticas e dinâmicas de comunicação.[1]

Karla Schuch Brunet

Facom/Universidade Federal da Bahia[2]

Resumo

Este trabalho pretende mostrar e levantar questionamentos sobre as práticas e dinâmicas comunicacionais geradas por fotografias feitas com telefones celulares. Baseando-se em estudos anteriormente realizados em países onde a penetração de celulares com câmeras é grande, pode-se traçar um perfil de algumas destas práticas e dinâmicas. Práticas aqui entende-se pelos usos práticos deste tipo de fotografia e dinâmicas pela forma com que estas são produzidas e seu impacto na sociedade. A popularidade do uso, a mobilidade em poder enviar e receber fotos, a adjacência da câmera em celulares, o instantâneo e efêmero das fotos, a constante vigilância aumentada por estas câmeras, a construção de uma nova estética, o uso do ato fotográfico como objeto de socialização e o armazenamento das imagens são os pontos discutidos neste trabalho.

Palavras-chave

Mídias digitais, fotografia, celular, mobilidade, internet.

1. Introdução

A fotografia por celular está cada vez mais popular e seu uso atinge diversas áreas da sociedade desde o jornalismo e arte ao cotidiano. A grande prática deste tipo de fotografia é a foto de cotidiano, como, por exemplo, a prática de fotografar amigos e parentes em momentos de diversão. Conseqüentemente, o ato fotográfico tornou-se algo lúdico e de socialização. O fato de as pessoas carregarem o telefone celular a todo lugar

[1] Trabalho apresentado ao Altercom – Jornada de Inovações Midiáticas e Alternativas Experimentais.

[2] Professora Colaboradora do Programa de pós-graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas da Facom/Ufba. Pos-doutoranda do Grupo de Pesquisa em Cibercidade (GPC)/Ciberpesquisa com bolsa Fapesb.
Email: email@karlabrunet.com

e toda hora, faz com que estes tenham uma câmera fotográfica continuamente lhes acompanhando nas experiências vivenciadas. Estes usuários, algumas vezes acabam documentando e denunciando eventos com seus celulares.

A mídia impressa começou pouco a pouco a abrir mão da qualidade técnica de uma fotografia jornalística para o uso do imediatismo de uma foto feita por celular que pôde vivenciar um fato ocorrido. Estando sempre acompanhado por uma câmera, fica muito mais fácil estar no lugar certo, na hora certa.

A seguir estão algumas das características, práticas e dinâmicas de fotografias feitas por celular.

2. Popularidade

Em alguns países, como no Japão e na Finlândia, o telefone celular popularizou a fotografia muito mais do que o George Eastman pensava quando criou a câmara portátil. O sonho de uma câmera portátil, a qual qualquer um pode levar para qualquer lugar virou realidade. Pessoas que antes nem pensavam em carregar uma câmera ao sair de casa, agora estão munidos do aparato o tempo todo.

Em 1888, George Eastman criou Kodak, a primeira câmera portátil ao alcance de todos. Com a Kodak, a fotografia se tornou "instantânea" e qualquer amador poderia tirar boas fotos. Com o slogan "You press the button, we do the rest"[3], Eastman tentou fazer da fotografia algo popular, fácil, que não necessitava muita técnica. Seu argumento persuasivo era a possibilidade de uma história do dia-a-dia contada por imagens feitas pelos próprios protagonistas. (Gernsheim, 1991, p. 116)

Esta coleção de imagens da vida cotidiana tornou-se realidade com Kodak e, hoje em dia, alcançou um nível ainda maior com os telefones celulares com câmeras. Assim sendo, a popularidade de uma câmera para gravar momentos domésticos e habituais atinge seu ápice.

[3] Minha tradução: " Você aperta o botão, a gente faz o resto".

A fotografia passa a ser estudada como uso doméstico e cotidiano, mostrando que o telefone celular cria condições para novas práticas fotográficas. Muitas das fotos feitas anteriormente com as portáteis Kodak, possibilitaram aos historiadores identificarem informações sobre habitação, vestimenta, hábitos e gostos do passado (Rosenblum, 1997, p. 259). A enorme quantidade de fotos feitas atualmente com celulares poderá, no futuro, servir de material para descrever uma época.

Com a popularidade que a fotografia alcançou com as câmeras em celulares, "o processo tecnológico estendeu o uso da fotografia para mais e mais situações diversas e fez de seu, algo comum, que antes era reservado somente para ocasiões especiais" [4] (Rivière, 2005, p.168).

3. Mobilidade

Uma das grandes vantagens da câmera no celular é a mobilidade alcançada por enviar e receber fotos quando deslocados de casa, do computador, do local de trabalho. Aqui a mobilidade não é mobilidade em fazer as fotos, pois a fotografia foi quase sempre móvel[5].

A mobilidade está em transmitir estas fotos, tanto de pessoa para pessoa, quanto de uma pessoa para muitos. Agora, logo ao fazer uma foto, pode-se enviá-la a algum amigo em qualquer lugar do mundo ou publicar em um site na internet e deixá-la disponível para um grande número de pessoas. Portanto, a difusão das imagens é que tornou-se móvel, agilizando assim o processo de propagação.

4. Adjacente

Tão importante quanto a característica da mobilidade, ou talvez até mais, é o fato da câmera ser adjacente, estar sempre junto como os usuários. Com os celulares a câmera ficou popular e móvel, mas além disso, tornou-se um objeto corriqueiro. Carregamos sempre conosco a carteira, as chaves, a identidade e o celular (muitas vezes com câmera).

[4] Minha tradução, original: "technological progress has extended the use of photography to more and more diverse situations and rendered its use commonplace where it was once reserved for special occasions."
[5] Tirando somente os primeiro anos da câmera escura e de caixas muito grandes que não se podia transportar com facilidade.

Sendo assim, levamos todo o dia e a todo lugar uma câmera fotográfica e podemos registrar qualquer momento de passagem, a câmera virou parte dos nossos objetos necessários de transportar quando em mobilidade. É quase impossível imaginar, hoje em dia, as pessoas saírem de casa sem celular, só estamos sem ele se esquecemos ou queremos nos isolar do mundo.

No texto "Seeing with Mobile Images: Towards Perpetual Visual Contact"[6], Ilpo Koskinen (2004) fala que:

> People plan taking digital cameras with them, but mobile phones follow people everywhere. Camera phones open up new, mundane areas of life for photography, such as personally noteworthy, intimately share-worthy, and everyday news items.[7]

Esta nova abertura que o celular proporciona à fotografia pode, igualmente, ser acrescentada pela possibilidade de, juntamente com a foto, adicionar texto, áudio e vídeos.

Já Bárbara Scifo (2005, p. 364), em um estudo do uso de celulares com câmeras feito com adolescentes italianos intitulado "The Domestication of Camera-Phone and MMS Communication.The Early Experiences of Young Italians"[8], fala de uma identidade visual que estamos "permanentemente vestindo". O mesmo pode ser dito para as câmeras em celulares, neste caso, estamos todo tempo "vestindo/usando" um dispositivo de captura de imagens e sons.

5. Instantâneo e efémero

A fotografia feita por celular tem duas características marcantes: são instantâneas e efêmeras. Nada de novo, pois a Polaroid, além de ser instantânea, também era efêmera, as fotos não duravam muitos anos. A fotografia de um bebê de 30 anos atrás, atualmente não existe mais, desapareceu com o tempo. O mesmo, pode-se dizer, ocorre com muitas

[6] Minha tradução: "Vendo com imagens móveis: em direção a um contato visual perpétuo."

[7] Minha tradução: "As pessoas planejam levar as câmeras digitais com eles, mas os telefones celulares os seguem a todo lugar. Telefones com câmeras abrem novas e mundanas áreas da vida para a fotografia, tais como algo significante pessoalmente, intimamente valido de compartilhamento, e noticias do dia-a-dia."

[8] Minha tradução: "A domesticação do telefone-câmera e a comunicação MMS. Experiências iniciais de jovens italianos"

das imagens feitas por celulares, sendo que estas desaparecem com uma rapidez ainda maior.

Estudos feitos no Japão, Finlândia, França e Itália (Koskinen, 2004; Kato, Okabe *et al.*, 2005; Rivière, 2005; Rouchy, 2005; Scifo, 2005; Goggin, 2006) mostram que a maior parte dos usuários de câmeras de celular não fazem ou não se preocupam em fazer um backup do material visual produzido. Os usuários enviam as fotos a amigos ou as usam como fundo de tela do celular, mas não têm o cuidado em guardar estas imagens como memória.

Ainda não existe uma preocupação com a armazenagem deste tipo de imagem. Talvez, pela natureza da foto de ser espontânea e não planejada, considerando-se menos importante de ser arquivada. Ou, então, por ser algo tão corriqueiro que não seja necessário guardar, ou ainda, por ter na maioria das vezes uma baixa qualidade técnica, as pessoas não se preocupam em armazená-las já que não são "perfeitas".

A fotografia por celular tornou-se a foto do momento, de guardar uma experiência passada e revivê-la segundos depois. O passado na fotografia por celular é instantâneo e esticado por alguns segundos mais. Diferente um pouco de passado na fotografia tradicional atribuído por Roland Barthes (1984). Aquelas eram fotos de um passado longínquo, extinguido pela distância e tempo, funcionavam como uma prova de que algo existiu. Esta instantaneidade do tempo passado pode ser exemplificada pela expressão usada por Rob Shields (2007), em seu texto "Mobile Phone Imaging as Gesture and Momento"[9]: "Look! Its us 5 seconds ago!"[10].

6. Objeto de socialização

Diversos estudos sociológicos feitos sobre os uso das câmeras de celular mostram um ponto em comum encontrado em diferentes culturas: o fato da câmera de celular ser usada para socializar. A atividade social com amigos e a troca de MMS pode ser observadas em estudo realizados no Japão, como por exemplo no estudo de Mizuko Ito

[9] Minha tradução: "Imagens por telefone móvel como gesto e momento"
[10] Minha tradução: "Olhe! É 5 segundos atrás!"

(2005); na Finlândia, como no estudo de Ilpo Koskinen (2004); na França, como no estudo de Carole Rivière (2005); e Itália, como no estudo de Bárbara Scifo (2005).

Abaixo, cita-se alguns dos exemplos encontrados de situações onde a fotografia por celular pode intensificar as relações sociais:

- quando grupos de amigos tiram fotos uns dos outros e se enviam os resultados;
- quando carregam a foto de alguém querido como fundo de tele do celular (como antes carregava-se a foto na carteira);
- quando amigos fotografam momentos de lazer e enviam a foto para aquele que não pode estar junto;
- quando casais enviam fotos de onde estão e o que estão fazendo como forma de compartilhar o momento;
- quando alguém faz uma foto e ao mesmo momento chama os amigos para ver como ficou, compartilha o momento da "captura da imagem"...

Estes são apenas alguns dos exemplos mais comuns, a câmera no celular é uma forma de manter contato com os amigos, de fazer da fotografia uma brincadeira, um passatempo. O ato de fotografar transformou-se em algo lúdico, quase mágico, onde acontece um jogo de capturar imagens e compartilhar com amigos.

Ao mesmo tempo, este pode ser considerado um jogo de colecionar emoções, referências do dia-a-dia, como fotos dos amigos, dos animais de estimação, do que se comeu no almoço, objetos, lugares.... tudo pode virar uma álbum virtual ou tela de fundo do celular.

Barbara Scifo (2005, p. 365) fala da fotografia por celular como:

> two different levels of experience: on an individual level, the camera-phone represents a new form of extension of one's experience and memory, while on the socialization level, it represents a new communication resource that can be invested in one's peer group and in one's relationships.[11]

Tendo em vista a noção de estender a experiência e memória, muitos fotografam os

[11] Minha tradução: "dois níveis diferentes de experiência: no nível individual, o telefone-câmera representa uma nova forma de estender a experiência e memória de alguém, enquanto que no nível de socialização, representa um novo recurso de comunicação que pode ser investido no grupo de colegas e relacionamentos de alguém.

momentos interessantes de suas vidas, e as vezes o fazem de forma incessável. Como, anteriormente, comentou Suzan Sontag (1990, p. 24) em "On Photography" que "ter uma experiência tornou-se idêntico ao fato de tirar foto dela"[12]. Quando a autora fez este comentário ainda não existiam câmeras por celular, recentemente, com estas câmeras adjacentes a nós, ficou ainda mais comum fotografar experiências e fazer deste ato fotográfico a própria experiência.

7. Nova estética ou adequação à tecnologia

Pode-se falar de uma nova estética da fotografia feita por celular, mas é importante também questionar se esta nova estética é realmente uma estética ou uma mera adequação à tecnologia. Este conceito de nova estética incorpora elementos como: foto tremida, borrada, sem flash, feita de perto, fora de foco, com pouca resolução...

Será que quando, num futuro próximo, for comum que as câmeras em celulares tenham uma alta resolução e uma flexibilidade de ajustes manuais e automáticos, as imagens continuarão com esta estética de hoje em dia?

Gerard Goggin (2006, p. 153) comenta que a fotografia por celular ainda vai assumir um importante um lugar no cenário da fotografia digital e cultura visual. Porém, o autor considera que suas dinâmicas estéticas e culturais ainda são precárias neste momento da história.

Assim sendo, é recente chegar a conclusões definitivas sobre estéticas e dinâmicas deste novo tipo de fotografia, estamos em sua fase inicial. E, ainda mais, em países como o Brasil onde a fotografia por celular ainda está engatinhando e não atingiu a popularidade de usos e costumes.

8. Vigilância

Um dos usos da imagem por celular, tanto da fotografia como do vídeo, é a vigilância. Estamos acostumados a ser vigiados por câmeras todo o tempo. São câmeras de segurança de órgãos públicos, de empresas privadas, nas ruas, no aeroportos... por todo lado estamos sendo vigiados pelo governo e por empresas detentoras de poder.

[12] Minha tradução do original: "having an experience becomes identical with taking a photograph of it"

Com os celulares com câmera surgiu uma nova vigilância – a dos "sem poder", a (des)institucionalizada. Agora pessoas munidas de celulares fotografam cenas do dia-a-dia que antes eram difíceis de ser capturadas por um amador. Nos últimos meses, temos visto diversos casos de agressão e denúncia apresentada na mídia de massas documentados por não-profissionais que estavam com o celular com câmera no momento que ocorreu o fato. O celular transformou-se, também, em um objeto de vigilância constante que podemos carregar para todo lado como instrumento de denúncia.

Alguns paises já começaram restringir o uso de celulares em determinados locais em detrimento do uso de suas das câmeras. Por exemplo, na Alemanha foi proibido em algumas piscinas públicas o uso do aparelho porque muitas fotos destes locais foram publicadas em sites pornográficos e causou constrangimentos.

Como as fotos por celulares estão em toda parte, a privacidade cada vez mais está acabando. O voyeurismo com estas pequenas câmeras móveis ficou mais fácil, e, também, é muito fácil difundir estas imagens em questões de segundos. Surge, então, uma nova questão a ser pensada, a de uma vigilância contínua feita por todos com celulares com câmeras.

9. Arquivamento

Outra questão que surge com a análise do uso de imagens por celular é o arquivamento. Viu-se que ainda não existe por parte dos usuários uma grande preocupação em guardar este tipo de imagem. Seria necessário arquivar estas imagens?

A todo momento são realizadas milhares de imagens por celulares, estas podem ser consideras um registro de nossa história visual. Um material rico que está se perdendo a todo momento. Os usuários ainda não estão interessados em arquivar, catalogar, buscar ou encontrar estas imagens.

Quando a fotografia não era tão corriqueira, quando as fotos eram "especiais" e não se produzia um grande número delas, era mais fácil e importante o armazenamento.

Atualmente, a fotografia ficou fácil, pode-se produzir fotos a todo momento e em grandes quantidades, ficou mais irrelevante e difícil de arquivar. Difícil pelo grande número, não é fácil gerenciar milhares de fotos, a tarefa de catalogar, organizar, fazer backup é muito mais trabalhosa do que a de fazer as fotos. Irrelevante pelo fato de que existem tantas fotos, e que de certa forma é tão fácil conseguir imagens que estas já perderam um pouco seu valor, continuam sendo únicas, porém não indispensáveis.

Rivière (2005, p. 172) fala de um despreocupação da fotografia por celular com a estética e o arquivamento."Its everyday value is bound up in the chance encounter, the unexpected."[13] O valor, portanto, não é mais o mesmo da fotografia tradicional, com a câmera por celular a fotografia adquire o valor do espontâneo e inesperado.

A internet torna-se, portanto, palco para este arquivamento de imagens. Os "moblogs", a união da palavra "blog" mais "móvel", são os sites na internet que podem ser atualizados desde aparatos móveis, telefones celular. Os moblogs podem ser uma solução fácil para o problema de armazenagem, entretanto, ainda não estão tão populares, o usuário médio não tem um interesse ou "preocupação" em usá-los para divulgar na rede e armazenar suas fotos. Quando comparados com outros tipos de locais de arquivamento de imagem, existem poucos usuários que utilizam este tipo de serviço móvel.

A falta de popularidade no uso pode ser decorrente da falta de necessidade. Existe uma grande variedade de sites que promovem o armazenamento, compartilhamento e catalogação das imagens e percebe-se um crescente uso destas ferramentas. Talvez a fotografia por celular esteja entrando em uma nova fase? Num futuro próximo esta preocupação pelo arquivamento poderá crescer?

Como diz Justin Hall (Hall, 2002) em um artigo intitulado "From Weblog to Moblog": "A weblog is a record of travels on the Web, so a mobile phone log ("moblog"?) should be a record of travels in the world."[14] O autor considera o moblog como uma versão mais densa de um blog, nele podemos estar publicando e compartilhando nossa

[13] Minha tradução: "Seu valor diário está ligado na chance de se deparar com o inesperado."
[14] Minha tradução: "O weblog é relatório de viagens pela Web, entao, o blog de telefones celulares (moblog) seria o relatório das viagens pelo mundo."

experiências de vida em mobilidade, enquanto caminhamos pela cidade, já não estamos mais presos dentro de casa ao computador.

Esta liberdade proposta pelos moblogs faz com que cresça o número de práticas deste tipo. Sites de arquivamento e catalogação de fotos como, por exemplo, o popular Flickr (www.flickr.com), possuem um serviço de "post by mail" (publique por email). Com este serviço, o usuário pode enviar uma MMS com fotos para um email determinado e automaticamente a foto aparece na conta Flickr e no blog cadastrado a esta conta. O problema é que muitos destes serviços possuem ruído.[15] São possibilidades vantajosas mas ainda estão em fase de experimentação, vai levar algum tempo até que se tornem eficientes e triviais.

10. Conclusões preliminares

Todos, em teoria, aprendemos a ler e escrever, com o tempo aprendemos, também, a ler imagens, e agora estamos aprendendo a "escrever" imagens. Com a facilidade de uma câmera sempre junto de nós podemos facilmente tirar fotos e ao fazer isto, estaremos aprendendo a produzir imagens. Aprenderemos, deste modo, o poder deste tipo de prática.

Há quinze anos atrás, quando a fotografia digital ficou popular na mídia impressa, questionava-se muito sobre sua credibilidade. Hoje em dia, este tipo de fotografia é comumente aceito e, excepcionalmente, pouco discurso é gerado sobre sua veracidade. Como disse Mitchell (1992, p. 7) "When we look at photographs we presume, unless we have some clear indications to the contrary, that they have not been reworked."[16] Talvez, ao produzirmos fotografia, podemos entender melhor sua linguagem e venhamos a fazer uma leitura mais crítica das mesmas.

A grande penetração de celulares no Japão nos mostra que "os celulares com câmeras fizeram com que cada um no país possa ser um fotojornalista".(Kato, Okabe *et al.*,

[15] Em maio de 2007, testei várias vezes este serviço de Flickr e não funcionou algumas vezes. Entrei em fórum de discussão sobre o tema e percebi que diversas pessoas tiveram problemas com seu funcionamento, algumas vezes funciona, outras não.
[16] Minha tradução: "Quando olhamos para fotografias presumimos, ao menos que tenhamos uma clara indicação do contrario, que elas não foram trabalhadas (manipuladas)".

2005, p. 307). Talvez, esta seja uma colocação um tanto otimista, mas não se pode negar que as fotografias por celular estão de alguma forma rompendo com as barreiras tradicionais do jornalismo.

Como mostram estudos em diversos países, a fotografia por celular é uma realidade comum, já faz parte do cotidiano de muitos e mostra desempenhar importante papel na formação cultural. Cada vez mais a fotografia por celular está ganhando valor no seu uso diário. A importância e utilização destas práticas fotográficas questionam uma nova cultura visual que está emergindo. Logo, as experiências cotidianas e irrelevantes ganham valor ao serem fotografadas e distribuídas aos amigos.

O fato de termos uma câmera adjacente em todo lugar que vamos, faz com que muitos usuários de telefonia celular ocupem um espaço que anteriormente era ocupado somente pela impressa de massas. Vemos todo dia exemplos de usuários não-profissionais de câmera fotográfica usarem seu celular para documentar e denunciar eventos.

Manuel Castells (2007, p. 185) em "Mobile communication and society: a global perspective" mostra com diversos casos que a comunicação wireless é uma "poderosa plataforma para autonomia política"[17]. Concluindo, podemos dizer que as fotografias feitas por celular possuem grande poder e agilidade na comunicação, basta que a utilizemos.

11. **Referências bibliográficas**

BARTHES, Roland. A Câmara Clara. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1984.

CASTELLS, Manuel, FERNANDEZ-ARDEVOL, Mireia, *et al*. Mobile communication and society: a global perspective. Cambridge, Mass.: MIT Press. 2007.

GERNSHEIM, Helmut. Creative photography: aesthetic trends, 1839-1960. New York: Dover Publications. 1991.

GOGGIN, Gerard. Cell phone culture: mobile technology in everyday life. New York, NY: Routledge. 2006.

[17] Minha tradução do original: "Wireless communication provides a powerful platform for political autonomy"

HALL, Justin. *From Weblog to Moblog*. Acessado 2007. Disponível em http://www.thefeaturearchives.com/topic/Media/From_Weblog_to_Moblog.html 2002.

ITO, Mizuko. Introduction: Personal, Portable, Pedestrian. In: Ito, Mizuko, Daisuke Okabe, *et al* (Ed.). Personal, portable, pedestrian: mobile phones in Japanese life. Cambridge, Mass.: MIT Press, 2005.

KATO, Fumitoshi, OKABE, Daisuke, *et al*. Uses and Possibilities of the *Keitai* Camera. In: Okabe, Daisuke e Misa Matsuda (Ed.). Personal, portable, pedestrian: mobile phones in Japanese life. Cambridge, Mass.: MIT Press, 2005.

KOSKINEN, Ilpo. *Seeing with Mobile Images: Towards Perpetual Visual Contact*. Hungarian Academy of Sciences. Acessado 2007. Disponível em http://www.fil.hu/mobil/2004/Koskinen_webversion.pdf 2004.

MITCHELL, William J. The reconfigured eye: visual truth in the post-photographic era. Cambridge, Mass.: MIT Press. 1992.

RIVIÈRE, Carole. Mobile camera phones: a new form of "being together" in daily interpersonal communication. In: Ling, Richard Seyler e Per E. Pedersen (Ed.). Mobile communications: re-negotiation of the social sphere. London: Springer, 2005.

ROSENBLUM, Naomi. A world history of photography. New York: Abbeville Press. 1997.

ROUCHY, Philippe. Instant Messaging and Presence Services: Mobile Future, CSCW and Ethnography. In: Hamill, Lynne e Amparo Lasen (Ed.). Mobile world: past, present, and future. New York, N.Y.: Springer, 2005.

SCIFO, Barbara. The Domestication of Camera-Phone and MMS Communication.The Early Experiences of Young Italians. In: Nyíri, Kristóf (Ed.). A sense of place: The global and the local in mobile communication. Viena: Passagen Verlag, 2005.

SHIELDS, Rob. *Mobile Phone Imaging as Gesture and Momento*. Mobile Nation Conference. Acessado 2007. Disponível em http://www.mobilenation.ca/sprshields.html 2007.

SONTAG, Susan. On photography. New York: Anchor Books. 1990.